

A troco de nada

Categories : [Reportagens](#)

O desmatamento da Amazônia não resultou em desenvolvimento econômico e nem em melhores condições de vida para a população da região. A conversão dos recursos naturais da floresta em toras, pastos, plantações e garimpos gerou uma prosperidade insustentável para a maioria dos municípios fundados onde antes havia mata. Segundo o estudo *O Avanço da Fronteira na Amazônia: do Boom ao Colapso*, realizado pelos pesquisadores Danielle Celentano e Adalberto Veríssimo, do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), a floresta ocupada vive hoje o pior cenário: recursos naturais exauridos e manutenção ou agravamento da pobreza.

Os autores da publicação avaliaram dados dos municípios amazônicos em três diferentes etapas: com floresta, em processo de derrubada e desmatadas. Descobriram que a situação econômica e os índices sociais antes e depois do desmate são muito semelhantes. Há um súbito crescimento durante a extração de madeira, mas ele é seguido por um colapso econômico e ambiental onde imperam atividades incipientes, que não conseguem atender às demandas da sociedade. Os madeireiros deixam a área e a criação de gado se torna o único uso possível para o solo exposto - [o que gera menos empregos e tem um prazo de validade determinado pela degradação da terra](#).

Mapa: Imazon



Em 2000, pesquisadores do Imazon elaboraram um modelo teórico para explicar este mecanismo de expansão da fronteira do desmatamento na Amazônia que foi batizado de “boom-colapso”. Agora Veríssimo e Celentano procuraram dados econômicos e sociais de toda a Amazônia que confirmassem o modelo. “Tudo se encaixa perfeitamente”, diz Veríssimo. Separaram os municípios da região em quatro áreas: as que ainda têm mais de 90% de floresta fora de áreas protegidas (florestais), as que apesar de fazerem parte da Amazônia Legal têm originalmente uma vegetação de cerrado (não-florestais), as que estão atualmente sob pressão e as já desmatadas (que derrubaram mais de 90% de suas florestas fora de áreas protegidas). Notaram que o padrão de ocupação é repetido em toda região amazônica, e as consequências também. (mapa crédito: Imazon)

“Esse padrão de ocupação não gera desenvolvimento genuíno, o que é atestado pela situação

crítica dos indicadores sociais na região”, escreveram os autores. Há exceções ao modelo. A cidade de Sinop, no Mato Grosso, por exemplo, passou da derrubada à plantação de grãos, mantendo um bom padrão econômico. Mas, segundo Veríssimo, não há condições para que isso aconteça na maioria das cidades amazônicas, conforme se caminha para o interior da região. “Quanto mais para dentro, maior a quantidade de chuvas e menos apta é a área para agricultura”, explica ele. O caso de Sinop se explica pelo fato de que o município se encontra numa área de transição com o Cerrado, mais seca.

“O problema é quando se encara a exceção por regra”, diz o pesquisador. Todo mundo quer ser Sinop. E com isso prefeitos e populações locais, na ânsia do ganho a curto prazo, apóiam avidamente o modelo do boom-colapso. “Por isso os cercos a hotéis onde ficam hospedados fiscais do Ibama, por exemplo”, diz. Os moradores vêm na manutenção da floresta um impedimento ao imenso ganho que poderiam ter, rapidamente. Não imaginam que suas terras não têm as mesmas características das cidades que se consolidaram economicamente. E acabam terminando, muitas vezes, com condições de vida pior do que tinham antes de desmatarem.

Veríssimo diz que a vida num município florestal não é a melhor que se poderia querer. É pobre. Mas não miserável. Há a pesca e a coleta de frutos na mata, que apesar das dificuldades de acesso à saúde, por exemplo, evita que se passe fome. Numa área desmatada, parte da população passa a realmente não ter o que comer. Quem ganhou muito com a extração madeireira consegue se manter. Quem não ganhou, fica sem nada. Aumenta-se a concentração de renda. “É o pior dos mundos”, conclui.

Poluição desproporcional

Veríssimo e Celentano trabalharam com dados referentes a demografia, violência, índice de desenvolvimento humano e produto interno bruto (PIB). Os números mostram uma Amazônia que representa apenas 8% do PIB nacional, mas gera 70% das emissões de gases do efeito estufa do Brasil uma vez que a maior parte da poluição do país é fruto das queimadas na floresta. E os números atestam que a destruição do recurso natural não gera benefícios. Nas áreas florestadas o PIB municipal médio em 2004 fechou em 40,7 milhões de dólares; em áreas sob pressão ele atingiu 93,6 milhões; mas onde não restava mais uma árvore em pé o PIB caiu para 46,1 milhões de dólares, índice praticamente igual ao das áreas não desmatadas. Segundo os pesquisadores, os municípios mais desmatados da Amazônia apresentam PIB inferior à média da região.

Economia nas zonas de ocupação da Amazônia (IBGE, IPEA e MT).ⁱ

Indicadores	Amazônia			
	Não-Florestal	Desmatada	Sob Pressão	Florestal
PIB total (US\$ bilhões)	15,9 (32%)	13,0 (26%)	3,2 (6%)	18,3 (36%)
PIB municipal médio em 2004 (milhões de US\$) ^{1,2}	28,7a	46,1a	93,6b	40,7a
Crescimento anual do PIB entre 2000 e 2004 (%)	6,8	4,8	14	7,5
PIB <i>per capita</i> médio em 2004 (milhares de US\$ por ano) ^{1,2}	3,2a	2,3a	6,3b	2,2a
Empregos formais (para cada 1 mil habitantes)	114,1	96,3	141,2	94,3
Crescimento dos Empregos Formais entre 2000 e 2004 ¹ (%)	45	46	83	42

¹Excluem-se da análise as nove capitais estaduais. ²Letras diferentes significam diferença estatística de acordo com o Teste de Tukey (P